

“APEIRON” E A MORTE DA INDIVIDUALIDADE: A CONTEMPORANEIDADE DE CAIO FERNANDO ABREU

RAQUEL BARROS PAES¹; MAIRIM LINCK PIVA²

¹*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – raquelbarrospaes@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – mairimpiva@furg.br*

1. INTRODUÇÃO

Publicado na obra *O inventário do irremediável* (1970), pelo autor Caio Fernando Abreu, o conto “Apeiron” carrega imagens que aludem a ditadura militar e seu objetivo de homogeneização da sociedade brasileira, caráter afirmado por REZENDE (2013). Isso demonstra um atrelamento entre a obra e o cenário sociopolítico em que o autor estava inserido. Essas imagens são analisadas sob a perspectiva do Imaginário de GILBERT DURAND (2012), que considera a interferência do meio social no imaginário humano, prevendo sua investigação sob o viés sócio-histórico-cultural, pois apresenta o trajeto antropológico do imaginário como a ”incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

As supracitadas imagens também são correlacionáveis ao governo que exerceu a presidência entre 2019 e 2022, no qual, por meio de discursos de ódio, desmantelamento e desfinanciamento de políticas públicas, intensificou-se a política de morte pelo Estado: a necropolítica. Termo cunhado por ACHILLE MBEMBE (2018), a necropolítica dita “quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018).

O conto, por meio de suas imagens investigadas pelo viés do imaginário de DURAND (2012), permite estabelecer simetrias entre esses dois períodos históricos necropolíticos, separados por décadas, comprovando a contemporaneidade da obra de Caio Fernando Abreu e a involução do cenário sociopolítico brasileiro. Englobada pelo projeto de pesquisa “Trajetos identitários: imaginário e literatura”, a pesquisa suscita questionamentos quanto à disseminação da necropolítica no país, os agentes necropolíticos e a reverberação desses períodos na sociedade brasileira.

2. METODOLOGIA

De caráter bibliográfico, a pesquisa baseia-se no estabelecimento de um paralelo entre a ditadura brasileira e o governo presidencial de Jair Messias Bolsonaro, entre 2019-2022, além da correlação desses períodos históricos com as imagens do conto “Apeiron”. Fundamentada na obra de REZENDE (2013), a pesquisa analisa a tentativa do regime ditatorial de legitimar-se enquanto democracia, por meio de estratégias psicossociais, simultaneamente à implementação de atos de exceção, entre os quais ressalta-se o AI-5, como institucionalização da perseguição, tortura e morte de figuras dissonantes ao padrão ultraconservador determinado pelo regime, além da distorção do conceito de liberdade social, desvinculada de qualquer fundamento teórico definido ao longo dos séculos durante o período político.

Analisa-se os conceitos de biopoder, biopolítica e racismo de Estado de MICHEL FOUCAULT (2005), a definição de estado de exceção por GIORGIO

AGAMBEN (2004) e sua coligação com o termo cunhado por ACHILLE MBEMBE (2018), necropolítica, estabelecendo-se o regime ditatorial como necropolítico, assim como o governo de 2019-2022. Apoia-se essa afirmação contra o governo do ex-presidente Bolsonaro nos dados estatísticos e hipóteses do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado pelo FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FSBP, 2021; 2022; 2023).

Por fim, investiga-se as imagens do conto “Apeiron” sob o viés do imaginário, estabelecendo relações entre as representações imagéticas, os períodos históricos e a morte da individualidade. Entende-se por morte da individualidade o movimento dos indivíduos, nos cenários necropolíticos, de se invisibilizar, reprimindo sua subjetividade, “mantando” sua individualidade em nome de evitar sofrer discriminação e garantir sua própria sobrevivência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sintetizado, o conto “Apeiron” retrata um personagem-cadáver consciente, em um caixão, sendo velado por um padre. Analisando-o sob o viés do imaginário de DURAND (2012), o conto carrega representações de um óbito simbólico, a morte da individualidade, além da padronização subjetiva do sujeito. Essas representações alinham-se ao objetivo do regime ditatorial de formar agentes participativos e propagantes dos valores ditoriais e do governo federal de 2019-2022 de uniformizar o comportamento dos indivíduos de acordo com seu padrão ultraconservador de conduta (Rezende, 2013).

Dentre as imagens, a “matéria de bondade”, que reorganiza o personagem-cadáver [Abreu, 2018 (1970), p. 26], atua como representação imagética das estratégias psicossociais do regime ditatorial e mecanismos necropolíticos do governo federal de 2019-2022. As estratégias psicossociais referem-se, por REZENDE (2013), aos métodos ditoriais para “sedimentar um corpo de valores que possibilitasse a ordenação no campo subjetivo da ordem social pretendida pelo movimento de 1964” (p. 18). Os mecanismos necropolíticos do governo federal de Bolsonaro referem-se ao desfinanciamento de políticas públicas como as políticas de proteção à mulher, “que registrou [no governo de 2019-2022] a menor alocação orçamentária em uma década”, além da disseminação de discursos de ódio que, segundo o FBSP (2023), “não há como dissociar o cenário de crescimento dos crimes de ódio da ascensão de movimentos ultraconservadora na política brasileira” (p. 136-137).

A “matéria de bondade” age suavizando o corpo do personagem-cadáver, trazendo como representação imagética a ausência de marcas físicas, que se apresenta como a perda material da identidade, e consequentemente, morte da individualidade. No seu coração há um “céu rosa encobrindo um lago azul” [Abreu, 2018 (1970), p. 27]. A água é descrita por DURAND (2012) como espelho originário, mas, nessa imagem, o lago, a água, não reflete o céu. Essa incoerência entre céu e água é uma representação imagética da divergência entre os padrões impostos pelo regime e governo repressores e a individualidade do sujeito, no centro vital do ser humano, símbolo das funções intelectuais, o coração.

Dentre as diversas imagens abarcadas pelo conto da morte simbólica e uniformização do sujeito, ele finaliza-se com “Em breve viriam os vermes” [Abreu, 2018 (1970), p. 27]. Os vermes, por Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 943), são símbolos da vida que renasce da morte. Assim, eles são a representação

imagética da sobrevida do indivíduo enquanto padronizado pelos contextos sociais opressores.

4. CONCLUSÕES

Trazendo regime ditatorial e governo federal de 2019-2022 como períodos históricos necropolíticos, a pesquisa aborda a ditadura e o governo federal do ex-presidente Bolsonaro como assassinos (da individualidade), diferenciando-se pela constitucionalidade de suas políticas. Ambos implementaram estratégias de homogeneização de comportamento dos indivíduos e, consequentemente, da sociedade.

A ditadura apoiava-se na Escola Superior de Guerra (ESG) e em suas estratégias psicossociais, enquanto simultaneamente implementava atos de exceção. O governo federal de 2019-2022 desmantelou e desfinanciou políticas públicas voltadas à proteção de minorias, concomitantemente ao incentivo ao ataque a esses grupos através de discursos de ódio disseminados e apoiados pelo ex-presidente Bolsonaro e alguns de seus ministros, como a ex-ministra Damares Alves.

Estabelecendo esse paralelo entre períodos históricos com distância de meio século, a pesquisa também comprova a contemporaneidade da obra de Caio Fernando Abreu e a regressão do cenário sociopolítico brasileiro. A investigação realizada torna-se essencial pela reverberação desses períodos na sociedade brasileira, sendo as reflexões fundamentadas essenciais para análise desses períodos, sejam segregados ou em paralelo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. F. **Contos completos**. 1. ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

AGAMBEN, G. **Estado de exceção: [Homo Sacer, II, I]**. 1^a ed, São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquétipologia geral. Tradução: Hélder Goldinho. 4. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ISSN 1983-7364, 2021. Acessado em 24 set. 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v4-bx.pdf>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ISSN 1983-7364, 2022. Acessado em 24 set. 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ISSN

1983-7364, 2023. Acessado em 24 set. 2024. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collége de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

REZENDE, M. **A ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984 [livro eletrônico] Londrina: Eduel, 2013. Acessado em 24 set. 2024. Disponível em:
<http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php>.